

**O PENSAMENTO DO NEUTRO: CRÍTICA LITERÁRIA E FILOSÓFICA (A CONVERSA E O FRAGMENTO)**

**LA PENSEE DU NEUTRE: CRITIQUE LITTERAIRE ET PHILOSOPHIQUE (L'ENTRETIEN ET LE FRAGMENT)**

Christophe Bident (UPJV, Fr)

Tradução Laura Erber (UNIRIO) e Mariana Patrício Fernandes (PUC-RJ)

**Resumo** | Christophe Bident investiga as experimentações críticas nos escritos de Maurice Blanchot do final dos anos 50. Reconhece nesses textos, sobretudo naqueles publicados a partir de 1959, uma transformação emblemática que encena o abandono, cada vez mais evidente, da crítica interpretativa. A recusa da interpretação, por parte de Blanchot, teria dado lugar à busca por um discurso ensaístico e filosófico que, assumindo a fragmentação, a justaposição e a forma da conversa, fosse capaz de dar voz àquilo que chama de "parceiro invisível": o discurso do Neutro. O Neutro é entendido aqui como a força do discurso que se opõe a toda estabilização conceitual, tratando-se por isso de uma experimentação, simultaneamente, literária, filosófica e política. O ensaio é parte integrante do livro *Maurice Blanchot: partenaire invisible*, edições Champ Vallon, Paris, 1998.

**Palavras-chave** | Maurice Blanchot | Neutro | fragmentação | justaposição

**Abstract** | Christophe Bident investigates the critical experimentations in the writing of Maurice Blanchot in the late 50s. In these texts, especially those written after 1959, he perceives an emblematic change that ever more evidently reveals the abandoning of interpretative criticism. Blanchot's refusal of interpretation was replaced by an essayistic, philosophical discourse that, by assuming fragmentation, juxtaposition and the form of conversation, was capable of expressing what he calls "the invisible partner": the discourse of the Neutral. Here the Neutral is understood as the force of the discourse in opposition to any conceptual stabilization; hence, experimentation that is at one and the same time literary, philosophical and political. This essay is part

of the book *Maurice Blanchot: partenaire invisible*, Champ Vallon editions, Paris, 1998.

**Keywords** | Maurice Blanchot | Neutral | fragmentation | juxtaposition

**Christophe Bident** é professor de Estudos Teatrais da Universidade de Picardia Jules Verne (Amiens), onde dirige o Instituto de Artes. É autor de *Maurice Blanchot, partenaire invisible* (ChampVallon, 1998), *Bernard-Marie Koltès, Généalogies* (Farrago, 2000), *Reconnaissances - Antelme, Blanchot, Deleuze* (Calmann-Lévy, 2003). Editou dois volumes de artigos de Blanchot (Gallimard, 2007, 2010). Livro no prelo: *Le geste théâtral de Roland Barthes* (Hermann, 2012).

**Laura Erber** é artista visual e professora do departamento de Teoria do Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNI-RIO). É autora de *Ghériasim Luca* (Eduerj, 2012) e dos livros de poesia *Os corpos e os dias* (Editora de Cultura, 2008) e *Bénédicte vê o mar* (Editora da Casa, 2011).

**Mariana Patrício Fernandes** é Doutora em Letras pela PUC-RIO. Em 2010, realizou estágio doutoral na Université Paris 7 (Denis Diderot). Atualmente compõe o grupo de pesquisa Temas de Dança que investiga a relação entre dança, corpo e política no século XX. Faz parte do corpo docente do curso Literatura Arte e Pensamento Contemporâneo do CCE da PUC-RIO.

## O pensamento do neutro

### Crítica literária e filosófica (a conversa e o fragmento)

1959/1969

Christophe Bident (UPJV, Fr)

Tradução Laura Erber (UNIRIO) e Mariana Patrício Fernandes (PUC-RJ)

Desde o fim dos anos cinquenta, e mais particularmente nos últimos meses de 1959, evidencia-se uma nova transformação na escritura crítica de Blanchot. A substantivação do Neutro (Blanchot, 1959, p.13), a escrita ensaística sob a forma de uma conversa a duas vozes ou de justaposição de fragmentos, uma notável proporção de textos consagrados aos seus próximos e o abandono cada vez mais acentuado da crítica interpretativa, em favor de um discurso no registro do ensaio filosófico - ainda que pela interrupção da filosofia -, irão acompanhar agora o movimento político, editorial e literário do pensamento. Rerler cronologicamente os ensaios escritos por Blanchot entre 1959 e 1969, reunidos e redistribuídos nos livros *L'Entretien Infini (A conversa infinita)* (1969) e *L'Amitié (A amizade)* (1971),<sup>1</sup> permite destacar, talvez mais do que em qualquer outro período, o poder de repetição e de ênfase de um pensamento que se entrega incessantemente à provação e ao fogo da vida, a de seu autor, a da literatura, a da filosofia, a de suas possibilidades comunitárias, direta ou indiretamente políticas.

De 1959 a 1962, os textos críticos multiplicam os ecos da palavra, ao mesmo tempo redundante e dispersa, de *L'attente, l'oubli (A espera, o esquecimento)*; as próprias frases migram, idênticas, da crônica, na *Nouvelle Revue Française*, para a narrativa (*récit*).<sup>2</sup> Entre abril de 1960 e julho de 1963, num ritmo súbito e irregular, dez artigos são escritos sob forma de conversa: eles abrem o discurso crítico a uma dupla voz, mantém a obra

---

<sup>1</sup> Sem contar os textos escritos em 1968 para *Comité*, são cerca de 70 artigos que Blanchot tera escrito entre 1958 e 1969, em sua grande maioria para a  *NRF*. Somente três não serão reeditados, 44 serão retomado em *L'entretien infini*, e 17 em *L'amitié*. Eles se juntam nessas duas compilações a outros textos, menos numerosos, escritos nos anos cinquenta.

<sup>2</sup> Indicaríamos notadamente a extrema proximidade da narrativa de dois artigos: "Parler, ce n'est pas voir" [julho 1960], *L'entretien infini*, p.35/45; e a abertura de "L'oubli, la déraison" [outubro 1961], *ibid.*, p.289/291.

comentada à distância que corresponderia a um relato, que busca, através dos ricochetes do diálogo, multiplicar sua escuta, e por meio da simples justaposição das réplicas, não permitir que se possa decidir ou que se possa interpretar qualquer coisa dele, perfilando na distância o murmúrio da voz neutra da qual o texto se origina e para onde retorna. Durante esses anos de encontros e de conversas intermináveis, Blanchot oferece assim o experimento singular, instigador de uma escrita fragmentária, dispersa mas atenta, como se o seu propósito fosse o de imitar antecipadamente e com uma pobreza deliberada a palavra coletiva da *Revue*. De 1961 a 1963, ele comentou com bastante frequência obras de seus amigos próximos, geralmente os mesmos que participavam do projeto internacional, e cerca de um terço dos artigos é dedicado a eles. Simultaneamente escritos em homenagem à presença desses amigos, à relação íntima deles com seu pensamento e sob o pano de fundo da desesperança do alcançar que os une (“essa meta que lhes é comum”), esses textos aparecem hoje como a última felicidade possível da escrita crítica. De 1964 a 1965, com o incontestável fracasso da *Revue*, e a prostração em que Blanchot se encontra, os textos críticos vão rareando e se fragmentando. Blanchot parece agora tão somente capaz de comentar seu próprio esgotamento (uma verdadeira exaustão - é o tema da narrativa publicada em março de 1966 e que abrirá *A Conversa Infinita*). O retorno à fragmentação, em textos ao mesmo tempo esboçados e sobretudo justificados pela crônica principal da *Revue*, se anuncia a partir daí como a inevitabilidade de um pensamento de exaustão, que se apresenta antes de tudo como um pensamento exaurido. Aquela que mais tarde Blanchot nomeará “a escrita do desastre”, encontra aqui sua necessidade de fragmentação.

A saúde em perigo, a hospitalização, o desaparecimento e sofrimento dos amigos mais próximos, o fracasso coletivo da *Revue* e a violência de um mundo que parecia cada vez mais próximo do fim (a crise de Cuba e também a Guerra do Vietnã) marcam esses anos: o desânimo poderia impor-se como um destino dramático exterior ao pensamento. No entanto, é o drama de pensar que se coloca como questão primordial. A um pensamento que se elevou até a “indiscrição para o esgotado” (*l'indiscrétion pour l'épuisé*), nada do que acontece, mesmo o mais intimamente trágico, ser-lhe-á estranho.

Mas é também a exigência de pensar a desgraça, imposta por esse próprio pensamento, e, no mais profundo do fracasso, a possibilidade também de ainda poder agir e falar, que faz desse pensamento do esgotamento (esgotamento de si, esgotamento dos possíveis) um pensamento da coragem, como dizia René Char – um pensamento exaurido. É a *força* dessa exigência que prostra a esse ponto aquele que a ela se submete. É um autor derrotado por seu próprio pensamento e um pensamento empurrado para essa deserção, transmitido pela conversa e pela fragmentação da escrita. Para aí [esse lugar] conduz o movimento de uma pesquisa, de uma pesquisa crítica, filosófica e política, antes de mais nada a busca de uma escritura.

A busca da crítica criadora é, na verdade, de que esse movimento é constituído: esse movimento de errância, esse trabalho de marcha que rasga a escuridão e que constitui o progredir da força da meditação, mas que também corre o risco de ser o infinito recomeço que arruína a dialética mas que não encontra senão o fracasso, sem encontrar nele nem mesmo o aplacamento ou o descanso [...]

escreve Blanchot, ainda em janeiro de 1959, acrescentando: “A crítica está ligada à busca da possibilidade da experiência literária, mas essa busca não é somente uma busca teórica, ela é o sentido através do qual a experiência literária se constitui” (1959: p.13).<sup>3</sup> A crítica criadora não teria nenhum sentido teórico se não pudesse ser duplicada e, mais ainda, precedida por uma experiência literária: ela só é atenção aos movimentos da criação na medida em que repete a atenção que o processo narrativo dá a esses movimentos – a experiência vivenciada da narração que toma a si mesma como objeto. É, portanto, toda a pesquisa narrativa dos anos cinquenta, dirigida até a atenção pela origem do pensamento em *L’attente, l’oubli (A espera, o esquecimento)*, que repercute sobre a forma crítica da conversa e do fragmento. Isso não deixa de explicar a natureza do reconhecimento dessa obra, que se define, e por um longo período, nos anos sessenta.

---

<sup>3</sup> “elle est le sens par lequel l’expérience littéraire se constitue”. Maurice Blanchot, “Qu’en est-il de la critique ?” [Janeiro/março 1959], *Lautréamont et Sade*, p.13.

A extrema notoriedade de que goza Blanchot, junto aos escritores, filósofos, e também junto aos artistas, deve muito a essa capacidade da escrita e do pensamento de retornar incansavelmente àquilo que ele figurou em Eurídice, a essa capacidade de se aventurar naquilo que a origem do poder criador tem de mais sombrio, de mais distante, de mais angustiante, de mais desanimador. Cada artigo, cada conversa é mais ou menos marcado pelo esgotamento do pensamento na tentativa de cercar, alguém do visível e também do invisível, numa parte recôndita, longínqua e maldita da experiência singular, o que há de mais nu, de mais dilacerante, o que ainda se pode arrancar do impossível para oferecer, exposto ou inexistente, a brutalidade do começo, o eterno retorno da queimadura à obra e à parte anônima da obra que é seu público, sua parte pública, sua invisível neutralidade. Que Blanchot, *de fora*, isto é, fora de toda perspectiva de salvação pela via da sublimação catártica, da efusão imanente, da consecução dialética, tenha feito à escrita de um pensamento, atraído, submetido e quebrado aquele que, pela conduta de sua própria experiência em seu limite, lê subitamente o retorno exposto da figura, nomeada pela segunda vez em sua obra como "parceiro invisível" - e que é, aqui, o Neutro nele, em si mesmo, o que sempre "soa estranho para mim".<sup>4</sup>

O que atrai o leitor, certamente para melhor destruí-lo sem qualquer reparação, é também aquilo que desesperou Blanchot. Não é certo que ele tenha desejado fazer do Neutro um pensamento; o Neutro afinal não é pensável, ele aparece na extremidade do pensamento; e esse pensamento, Blanchot o *escreveu* muito mais do que o teorizou. Mas é, também, porque a escrita desse pensamento veio substituir a escrita coletiva da *Revue*, a alegria da amizade, da autoridade compartilhada e da infinitude política que ela teria podido proporcionar. Ela também substituiu a escrita narrativa. Será preciso esperar *L'instant de ma mort* (*O instante da minha morte*), publicado em 1994, para que surja uma nova narrativa de Blanchot, trinta e dois anos após *L'attente, l'oubli* (*A espera, o esquecimento*). Ora, as narrativas ofereciam

---

<sup>4</sup>Sobre o Neutro como "parceiro invisível", ver *L'entretien infini*, p.497, nota. E no relato liminar: "O neutro, o neutro, como isso soa de forma estranha para mim" (p.XXII), frase que reencontramos no corpo do livro, em um artigo de 1962, "Le rapport du troisième genre", p.102.

um desfecho feliz, por vezes lírico, sempre de forma prospectiva ao pensamento. Que essas narrativas se tenham apagado diante do projeto de uma revista (*Revue*) que não oferecia ao pensamento mais do que o fracasso de sua própria interrupção, faz duplamente do pensamento o repositório de uma experiência infeliz. O movimento esgotante do pensamento redobra assim sua capacidade de esgotamento. Esse mergulho no fundo da *angústia* desemboca novamente na pobreza e na tristeza da escrita singular. Nesse (duplo) sentido, *L'entretien infini* (*A conversa infinita*) oferece, ao mesmo tempo, a abordagem menos injusta e a idéia mais desesperante do que poderia ter sido a *Revue Internationale*.<sup>5</sup> A colaboração singular na revista literária torna-se um procedimento de escritura que já não interessa mais a Blanchot, e que ele meramente legitima.<sup>6</sup> No final dos anos sessenta, após os acontecimentos de maio de 1968, após a morte de Jean Paulhan, ele irá abandoná-la. Depois de ter escrito cerca de uma dezena de artigos por ano, ele passou a entregar apenas quatro crônicas à *NRF* em 1965, depois mais duas em 1966, novamente quatro em 1967, mas apenas uma em 1968 e outra em 1969. A produção regular de artigos autorais cessou. O fato de ter crescido, em 1968, em razão da inclinação demonstrada por Blanchot para escrever textos anônimos para o Comitê Estudantes-Escritores da revolução de Maio diz muito sobre o que a escrita da crônica passou a representar: o gozo de escrever está ligado a sua incidência sobre o pensamento coletivo da

---

<sup>5</sup> A nota final de *L'entretien infini* já sublinhava: esses textos "já póstumos" e "quase anônimos" não possuem autoridade singular: "pertencendo a todos, mesmo escritos e sempre escritos, não por um, mas por muitos, todos aqueles a quem é dado manter e prolongar a exigência, à qual eu creio que esses textos, com uma obstinação que atualmente me impressiona, não pararam de procurar responder, indo até a *ausência do livro*, que eles designam em vão" (*L'entretien infini*, p.63).

<sup>6</sup> Bataille já tinha escrito isso, provavelmente no fim dos anos cinquenta: "estou enfasiado com esses trabalhos que me são pesados, talvez porque eu não tenha conseguido torná-los essenciais" (que outros o tenham confirma que se trata, sobretudo para Blanchot, de dizer que ele não conseguiu que tivessem tornado essenciais *para eles*". Ele escreve à Sartre: "Conhecendo a minha repugnância em participar dessa forma de realidade literária que é uma revista [...] eu me sentirei capaz de dominar essa repugnância, mas somente tratando-se de um projeto suficientemente forte para que nele se encontrem e possam se desenvolver todas as razões que me fizeram tomar parte na Declaração (2 de dezembro de 1960, publicados em *Lignes*, nº11, setembro 1990, p.220). E também à Vittorini, indicando uma razão essencial que testemunha a imensa renovação que ele esperava da *Revue internationale*, e da qual o próprio fracasso confirma a dimensão do julgamento: "Todas as revistas morrem, o gênero « revista » está morto (8 de fevereiro de 1963, *Lignes*, nº11, setembro 1990, p.277).

ruptura da História e da revolução política. Alguns anos antes, Blanchot havia citado algumas palavras de René Char – quem as expressa é o escritor anônimo: “Um ser que ignoramos é um ser infinito, capaz, pela sua intervenção, de transformar nossa angústia e nosso fardo em aurora arterial”.<sup>7</sup>

Entre o Manifesto e a Revolução, e sempre sob o governo de Charles de Gaulle, o pensamento de Blanchot permanece profundamente político. Algumas referências destacam marginalmente o grande interesse por “uma revista como *Arguments*, redigida por escritores políticos e alguns intelectuais preparados para o porvir” (Blanchot, 1959: p.92). Algumas alusões discretas reiteram a condenação irônica de “homem providencial” ao “monólogo imperioso”;<sup>8</sup> e a crítica da “despolitização” continua vigilante.<sup>9</sup> Essas observações persistentes descompartmentam o gênero literário do artigo e da revista ao abri-lo a uma dimensão política integrada à lógica do conjunto. Pouco a pouco, até mesmo na *NRF* o alinhamento de Blanchot torna-se evidente. Seu interesse pelo marxismo continua a se afirmar e embora, ao fazer uma leitura do percurso de Henri Lefebvre, ele denuncie a condição de submissão e finalmente a obrigação de renúncia exigida pelo Partido ao filósofo e à filosofia, ele entende intimamente as concessões que um intelectual necessita fazer provisoriamente, apesar e contra ele mesmo, ao único órgão que atribui a si próprio a função de *realizar* o pensamento.<sup>10</sup> Sob todas as suas formas, é mais uma vez o niilismo que ele identifica, como estando no âmago e no segredo da articulação entre toda filosofia e toda prática: ameaça essencial e impensada da negatividade dialética, adversário bem mais diabólico do pensamento mais uniforme e da linguagem mais

---

7 "René Char et la pensée du neutre" [verão 1963], *L'entretien infini*, p.445.

8 Maurice Blanchot, "Sur un changement d'époque: l'exigence du retour" [avril 1960], *L'entretien infini*, p.401; "L'interruption" [maio 1964], *ibid.*, p.106/107. E essa outra alusão à de Gaulle: "Ainda vivemos sobre um Primeiro Consul (...)" ("L'insurrection, la folie d'écrire" [1965], *ibid.*, p.342). n.t. Referência à Napoleão Bonaparte.

9 Maurice Blanchot, "La parole quotidienne" [juin 1962], *L'entretien infini*, p.359. Blanchot não deixa de empregar o termo « despolitização » com precaução: entre aspas. Porque, também no uso dessa palavra o niilismo está a espreita.

10 Maurice Blanchot, "Lentes funéraires" [agosto 1959], *L'amitié*, p.99/100. Ver também a sua recusa do anti-comunismo liberal de Jaspers ("L'Apocalypse déçoit" [março 1964], *ibid.*, p.118/127).

astuta, rosto insidioso a ponto de transparecer inopinadamente sob a pele de qualquer rosto, impureza radical e insuperável, Blanchot denuncia seu imenso sucesso, no século XX, sua penetração destruidora no cenário da afirmação política, "com os chamados nazismo e fascismo".<sup>11</sup>

Essas leituras das mais difundidas ideologias do século são atravessadas ainda por interrogações pessoais: como encontrar o lugar de uma *praxis* numa fidelidade crítica ao marxismo ("o comunismo para além do comunismo");<sup>12</sup> como analisar nossos próprios erros, nossos próprios consentimentos passados. Quando Blanchot afirma que o niilismo não aumentou sua força de destruição ao reivindicar-se como tal, mas sim ao emprestar sua energia à afirmação de "valores positivos que ele priorizou e que despertaram outros valores opostos, mas aparentados (valor da raça, do nacionalismo, do poder, valor do humanismo, e, em todos eles, o valor do Ocidente)", é de seu próprio niilismo anteriormente ignorado que ele dá testemunho, e do caráter fatalmente alienado do combate que empreendeu contra ele, contra o hitlerismo, que o conduziu a travar esse combate em nome desses "valores positivos", até onde a verdadeira força de sustentação do niilismo havia se insinuado. Suporte objetivo de uma ideologia que ele condenava, condenando seus atos de destruição mais visíveis, ele se dedica de agora em diante a acusar, num movimento repisado e luminoso do pensamento, nessa mescla extrema de um apaziguamento necessário e de uma ferida antiga, a cegueira que consistiu em "fazer o jogo do niilismo e do seu substituto mais grosseiro, o antissemitismo".<sup>13</sup> "Por que estamos tão pouco à vontade para refletir sobre isso?", pergunta-se ele, sublinhando assim o mal-estar contemporâneo de que toda defesa da identidade judaica passa, antes de mais nada, pela acusação de antissemitismo, obstruindo assim a essência mesma dessa identidade. É isso que ele censura em Sartre, que "tende a reconhecer a diferença judaica, mas apenas como um negativo do antissemitismo"; é isso que ele censura nos escritores do século passado, já fascinados pela mística hebraica, mas sem, no entanto, procurar conhecê-

---

11 Maurice Blanchot, "La littérature encore une fois" [janeiro 1963], *L'entretien infini*, p.590.

12 Maurice Blanchot, Nota, *L'entretien infini*, p.VIII.

13 "Maurice Blanchot, "L'indestructible. 1. Etre juif", *L'entretien infini*, p.180 (agosto de 1969).

la (essa "admiração assustada" nada mais é senão "a contrapartida do antissemitismo").<sup>14</sup> Nada o fará retroceder em relação a isso: todo pensamento de desgraça – ou seja, toda interrupção do pensamento – não pode mais se abster de uma reflexão sobre o judaísmo e sobre o antissemitismo.

Esse novo imperativo imposto ao pensamento se estende na reflexão de Blanchot, de 1959 a 1963. É no final desse período que se radicaliza sua posição anti-heideggeriana. Exclamações irônicas contra a certificação de uma verdade sedentária, denúncia de um postulado ontológico da luminosidade do ser, destruição pelo eterno recomeço do mito do inicial ou do original ("ao qual permanecemos irrefletidamente submetidos") reconsideração da palavra inautêntica, do sussurro anônimo (contra "a aprovação precipitada e encantada, conferida universalmente a Heidegger"): no essencial compartilhadas com Emmanuel Lévinas, essas críticas lançam o maior descrédito, menos sobre a atitude política do reitor da universidade dos anos trinta, do que sobre o filósofo "responsável por uma escrita comprometida", sobre aquilo que, nessa filosofia, era suscetível de um tal comprometimento – sobre o poder niilista dessa filosofia.<sup>15</sup> Permanecer fiel ao pensamento do Neutro, impossível objeto do conhecimento, que só está presente pelo recuo da sua afirmação, único assim a poder escapar aos ardis do niilismo, exige um radical afastamento da "consumação da metafísica" que, como toda filosofia, permanece como uma forma de *domesticação ou recusa do neutro*.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> Maurice Blanchot, "Gog et Magog" [junho 1959], *L'amitié*, p.260/261.

<sup>15</sup> 15 Maurice Blanchot, resp. "Etre juif" [agosto 1962], art.cit., p.186; "René Char et la pensée du neutre", art.cit. p.441; "A rose is a rose..." [julho 1963], *L'entretien infini*, p.503 (cf. também "Le rire des dieux" [julho 1965], *L'amitié*, p.204/205); "La parole vaine" [1963], *L'amitié*, p.145; "La pensée et l'exigence de discontinuité" [março 1963], *L'entretien infini*, p.4 (cf. também "Réflexions sur le nihilisme. 1. Nietzsche, aujourd'hui", *ibid.*, p.210 – fim de uma longa nota adicionada ao artigo para a publicação do livro) fin d'une longue note ajoutée à l'article lors de la publication du livre).

<sup>16</sup> Em uma simplificação evidentemente abusiva, poder-se-ia reconhecer, em toda a história da filosofia, um esforço seja para aclimatar e domesticar o "neutro" substituindo-o pela lei do impessoal e o reino do universal, seja para recusar o neutro, afirmando-se a primazia ética do Eu-Sujeito, a aspiração mística ao Único singular (Maurice Blanchot, "René Char et la pensée du neutre", art.cit., p.441).

A descoberta (ou a escuta) do Neutro obriga Blanchot a situar seu discurso, senão em relação à história da filosofia, pelo menos em relação à própria *possibilidade filosófica*. Eis porque ele debate constantemente, sobre as margens (Antelme, Bataille, Foucault, Klossowski, Levinas, Sade), sobre a origem (Héaclito, Platão, Sócrates) e sobre o fim (Hegel, Nietzsche, Heidegger).

É a razão pela qual ele se opõe a todas as formas de estabilização conceitual que encarnam "a grande recusa" (aquela da morte como morte, do nada como nada, do neutro como neutro): "tudo o que leva os homens a dispor um espaço de permanência onde se possa ressuscitar a verdade, mesmo que ela venha a perecer", ou "os grandes redutores" (sob todas as suas aparências instrumentais, esse gigantesco "trabalho de inclusão", a cultura).<sup>17</sup> A própria interpretação é uma forma de negação; "o crítico é um homem do poder"<sup>18</sup>; o filósofo, diz Blanchot retomando Bataille, é um homem do medo.<sup>19</sup>

Talvez tenhamos chegado àquilo que Hegel teorizava como o fim da História; talvez até mesmo já nos situemos num além desse fim e no quarto estágio, fora da dialética, da "negatividade sem uso", cuja sugestão no rosto do velho filósofo havia tão fortemente marcado Bataille; na "saída do espaço histórico" que assinala, minimamente, nosso "poder material de por fim a essa história e a esse mundo", de por fim a todo debate sobre o fim, na necessidade absoluta de por fim a todo debate sobre o fim dos valores, a "transformação de época" põe a nu segundo Blanchot uma exigência ética radical. Descobrir o lugar nu a conceder ao Outro, a conceder, enfim, ao Inteiramente Outro (*Tout Autre*), Blanchot não o fará sem experimentar essas saídas da História, sem a experiência de seus amigos mais próximos,

---

<sup>17</sup> Maurice Blanchot, "Le grand refus" [outubro 1959], *L'entretien infini*, p.46; "Les grands réducteurs" [abril 1965], *L'amitié*, p.80.

<sup>18</sup> Maurice Blanchot, "Les paroles doivent cheminer longtemps" [abril 1961], *L'entretien infini*, p.479. A denúncia do poder da crítica, notadamente sob suas formas jornalística e universitária, ganham um vigor frequentemente sábio e racional, por vezes cômico e maldoso (ver especialmente: "Qu'en est-il de la critique?" [1959], *Lautréamont et Sade*, p.9/14; "L'oubli, la déraison" [outubro 1961], *L'entretien infini*, p.292; "Les grands réducteurs" [abril 1965], *L'amitié*, p.76/77).

<sup>19</sup> Maurice Blanchot, "Connaissance de l'inconnu" [dezembro 1961], *L'entretien infini*, p.70/72.

Levinas, Bataille, Antelme. Romper a "grande recusa". Isso não será feito sem caminhar adiante e além do medo, sem se acautelar contra toda possibilidade de violência – não tanto aquela que o pensador pode sofrer, quanto aquela que pode exercer. Ali, nesse lugar do pensamento que não tem outro desafio a não ser o de sua realização indireta, encontra-se o fundamento do Manifesto (« Tudo o que pode parecer, mesmo que vagamente com o que vimos nesse lugar, nos altera literalmente») que legitima a interrupção crítica – a interrupção filosófica.

Assim se entende o apelo do diálogo, do diálogo infinito de pensadores confiáveis, à "relação do terceiro gênero", além de toda transcendência artificial e de toda imanência abusiva: somente ele "não é relação em vista da unidade, relação de unificação", somente ele considera o outro como outro, na relação de distância infinita, de separação, fora de qualquer horizonte, na medida da separação que é a linguagem.<sup>20</sup> É preciso deixar que a transcendência conclua o seu trabalho e a imanência provoque sua adesão; mas estas somente poderão ser medidas por essa relação soberana, apta, apesar de estar fora do poder, a reconhecer a igualdade de cada um e a efusão do outro e a manter, por sua vez, "a ausência da medida de comparação que é minha relação com o outro", como "a relação com o desconhecido que é o dom exclusivo da palavra".<sup>21</sup> Princípio ético, que regula para Blanchot a lei de toda relação, a começar pela relação com a figura do Judeu que soube tão bem suportá-lo,<sup>22</sup> sempre suscitou a

---

<sup>20</sup> Maurice Blanchot, "Le rapport du troisième genre", *L'entretien infini*, p.94/98.

<sup>21</sup> Maurice Blanchot, "Tenir parole" [fevereiro 1962], *L'entretien infini*, p.92; "L'expérience-limite. 2. Le jeu de la pensée" [agosto 1963], *L'entretien infini*, p.315. É essa relação com o desconhecido que Blanchot ouve em toda « voz narrativa », como em seu fundo, ou seja, em sua possibilidade, refletida pelas narrativas contemporâneas comentadas por Blanchot nos anos sessenta: as de Marguerite Duras, de Roger Laporte, de Louis-René des Forêts.

<sup>22</sup> "O sentido da distância jamais abolida, mas ao contrário, mantida pura e preservada" caracteriza, aos olhos de Blanchot, a mística hebraica. (cf. "Gog et Magog", art.cit., p.262) e, mais além, toda a experiência judaica. Não sem a influência evidente de Lévinas, o Judeu passa então a figurar, na obra de Blanchot, como a própria existência da "terceira relação": "Ele (o judaísmo) existe, para que exista a idéia de êxodo, e a ideia de exílio como movimento justo; ele existe, através do exílio e dessa iniciativa que é o êxodo, para que a experiência do estranhamento (étrangeté) se afirme entre nós em uma relação irreduzível; ele existe para que, pela autoridade dessa experiência, nós aprendamos a falar " ("Etre juif", art.cit., p.183). Afirmações essencialmente irreduzíveis à questão política do Estado sionista (a primeira tomada de posição pública de Blanchot sobre esse assunto data desse

impaciência da rejeição ou da redução – da domesticação ou da impugnação. Princípio comunitário, ele regula a lei da obra e do desobramento, a lei política e a lei poética, aquilo que Blanchot indicará frequentemente nesses termos: *nomear o possível, responder ao impossível*. Princípio de escritura, ele submete a pesquisa à “exigência de descontinuidade” que, desde *L’attente, l’oubli (A espera, o esquecimento)*, e por longo tempo ainda, regulará a forma ofertada - conversa ou fragmento - do pensamento de Blanchot: “a interrupção como sentido e a ruptura como forma”<sup>23</sup>.

A saída da História impõe, para Blanchot, a saída da ontologia<sup>24</sup>, única susceptível de fundar uma relação com o outro sobre aquilo que nos separa. Essa relação é uma verdadeira “interrupção de ser – alteridade através da qual não há para mim essa relação, é preciso repeti-lo, não é nem um outro eu, nem uma outra existência, nem uma modalidade ou um momento da existência universal, nem uma sobre-existência, deus ou não-deus, mas o desconhecido na sua infinita distância”. “Alteridade que se mantém sob a denominação do neutro”.<sup>25</sup> Reconhecemos aqui tudo o que diz respeito à influência de Levinas, ao Levinas de *Totalidade e infinito*, cuja defesa de tese Blanchot assiste na Sorbonne em 1961, antes de comentar a edição (e notadamente: a exterioridade radical, a interrupção da ontologia, anterior ao primado da posição ética). Reconhecemos, também, tudo o que se afasta dela: a ateologia radical, a interrupção de todo pensamento subjetivo. Blanchot pensa em manter até o fim, *por sua vez*, a nudez desobrada de toda relação humana e a dissimetria de toda linguagem. Dessa necessidade, tal como é revelada na saída da História, segue-se a substantivação do Neutro. O Neutro reside – no mais distante, no mais errante, em parte alguma – nessa nudez ociosa e nessa dissimetria de toda linguagem: ponto alcançado

---

artigo; cf. a longa nota em “Etre juif” [setembro 1962], art.cit., p.190/191, linhas que faziam, em 1962, parte integrante de um texto que elas concluíam. Afirmações mais próximas da exigência poética que Blanchot encontrará como encarnada na obra de um Jabès, pela reflexão sobre esse tipo de homologia entre condição, palavra e escrita (“Traces” [maio 1964], *L’amitié*, p.253).

<sup>23</sup> Maurice Blanchot, “La pensée et l’exigence de discontinuité” [abril 1963], *L’entretien infini*, p.9.

<sup>24</sup> Maurice Blanchot, “Connaissance de l’inconnu” [décembre 1961], *L’entretien infini*, p.78; voir aussi “La pensée et l’exigence de discontinuité”, art.cit., p.11 (ajout de 1969).

<sup>25</sup> Maurice Blanchot, “L’interruption” [maio 1964], *L’entretien infini*, p.109.

naquilo que Blanchot nomeia depois, distante de Robert Antelme, "o indestrutível".<sup>26</sup> O pensamento da desgraça – a interrupção do pensamento – atinge o Neutro, que imediatamente escapa: o Neutro, o indestrutível que pode no entanto ser destruído, a constante de desconhecido da espécie, o último ponto de soberania que escapa – mesmo e sobretudo mais desnudo – a todo poder. Tal soberania se afirma somente na consciência comunitária a qual, fora de toda restauração do sujeito por um outro sujeito, acolhe o outro em nome do outro, na interrupção de todo e qualquer elo simbólico.<sup>27</sup>

O neutro é, para Blanchot, uma resposta inacabada ao impossível, resposta definitiva aos ardis do nihilismo. Ele escapa assim, no limite do testemunho possível, à "grande recusa" e aos "grandes redutores", à filosofia e à teologia, à cultura e, portanto, ao livro. A perspectiva do *livro por vir* é, doravante, sucedida pela invisibilidade da *ausência* de livro. A ausência de livro torna ausente a autoridade unitária do saber; ela abre radicalmente à exterioridade do entre-dizer<sup>28</sup>. Se a ausência do livro, apesar de tudo, não tem senão o livro para se dizer, ou se entre-dizer, através da pluralidade fragmentária, ela permanece sendo, já-sempre, para o livro, aquilo que o *desobramento* é para a obra: um "movimento de desvio", artilharia ativo e insensato da escrita, efração do livro, da ordem, da frase e do discurso, do disfarce através da autoridade de uma assinatura, em nome de uma autoridade totalmente outra, em nome da responsabilidade infinita, em nome do outro. Ela é, do livro, aquilo que já sempre escapa à todo auto-da-fé, porque criou uma comunidade de leitores reunidos por aquilo

---

<sup>26</sup> Maurice Blanchot, "L'indestructible. 2. L'espèce humaine" [abril 1962], *L'entretien infini*, p.191/200.

<sup>27</sup> Poder-se-ia dizer também: na interrupção de todo laço fusional. Pois, ao colocar a questão da comunidade a partir da hospitalidade dos amantes (Klossowski), a mesma fórmula poderia ser sustentada com essa diferença. Roberte: "grande figura que não diga nada, e, mesmo se deixando ver da maneira mais provocante, continuará a pertencer à soberana invisibilidade do signo" ("Le rire des dieux" [julho 1965], *L'amitié*, p.198). É aqui, em todo o caso, que começa a aparecer a questão da comunidade, à qual Blanchot retornará. Qual incidência o pensamento do Neutro pode ter sobre o da comunidade? A questão se coloca pela primeira vez: « Se a questão: 'Quem é Outro' não tem um sentido direto é porque ela deve ser substituída por uma outra questão: « O que acontece com a comunidade humana quando é preciso responder a essa relação de estranhamento entre o homem e o homem que a experiência da linguagem leva a pressentir, relação sem medida comum, relação exorbitante" ("Le rapport du troisième genre", art.cit., p.101)

<sup>28</sup> Maurice Blanchot, "L'absence de livre" [abril 1969], *L'entretien infini*, p.632.

que lhes escapa e os separa: o indestrutível que não pode ser destruído. Longe de possuir um centro, mesmo que um centro deslocado, *o espaço literário* é desmunido de toda polaridade. A materialidade do livro torna-se, para si mesma, sua própria interrupção. Nesse sentido, é notável constatar que o artigo que encerra *A conversa infinita* em nome da "ausência de livro", tenha vindo *interromper* a edição da obra: entregue à Louis-René des Forêts para a revista *L'éphémère*, o texto só foi enviado à Gallimard depois do manuscrito completo. Ele encerra o livro *in extremis*. Blanchot terá, portanto, procurado, durante todos esses anos, a forma da interrupção do pensamento. O primeiro artigo escrito em forma de conversa data de abril de 1960. Ele conserva ainda da entrevista tradicional a oposição de uma voz que questiona, a uma voz que responde, o que é suficiente para situar, logo de início, a primeira em uma posição de autoridade.<sup>29</sup> Mesmo que haja, por vezes, um certo peso e ingenuidade no comentário sobre a divisão da palavra, a conversa se desloca pouco a pouco do seu formato professoral. Com o terceiro artigo desse gênero, um ano mais tarde, a troca é equalizada pela distância e vai deixando, pouco a pouco, fluir a parte mais neutra (a mais narrativa) de cada voz discursiva: "Se há esse vai e vem de palavras, entre nós, que não somos senão a necessidade desse vai e vem, é talvez para evitar o corte de uma última palavra."<sup>30</sup>

Mais tarde, no momento da publicação, acrescentando algumas páginas inéditas a certos artigos, algumas vezes muitos anos depois de tê-los escrito, Blanchot confessará escutar essas duas vozes como tão distantes uma da outra, como estão de sua própria voz. A sua voz que só é a sua se esse engajamento no diálogo o despossuir de qualquer propriedade sobre

---

<sup>29</sup> Cf. Maurice Blanchot, "Sur un changement d'époque: l'exigence du retour" [abril 1960], *L'entretien infini*, p.394/404 (o fim do texto publicado em 1969 é inédito).

<sup>30</sup> Maurice Blanchot, "Les paroles doivent cheminer longtemps" [abril 1961], *L'entretien infini*, p.479. Haveria, em Blanchot, como a vontade de inverter a proposição estrutural que Genette está então elaborando segundo a qual - "a narrativa inserida no discurso se transforma em elemento do discurso, o discurso inserido na narrativa permanece discurso" ("Frontières du récit", *Communications*, nº8, 1966, p.161). Aqui, a voz narrativa desloca o fundo do exercício da palavra; o enunciado permanece submisso à lei de um outro tempo: o discurso permanece no neutro.

uma palavra, uma idéia, uma réplica, uma questão.<sup>31</sup> A autoridade reside nesse movimento neutro que circula de uma a outra, de umas as outras, e que só tem sentido quando colocada sempre no jogo de uma autoridade coletiva, no sentido que a autoridade da *Revue* poderia ter tomado. Pouco a pouco, portanto, é também a forma fragmentária que se enxerta na ausência de horizonte da conversa. Aos quatro losangos espaçados no quadro ausente de um losango interrompido, sucede, em abertura de fragmento, o binômio dos  $\pm\pm$ , como se cada sinal algébrico indicasse a suspensão e a neutralidade daquilo que avança, separado, na justaposição das duas vozes anônimas. Suspensão (mais, ou menos) e neutralidade (nem mais, nem menos) que se declinam com o espaçamento da pontuação, que, se for ignorada, faria com que a palavra fracassasse na indecisão da relatividade (mais ou menos), ou na usurpação da evidência (nem mais nem menos). O movimento de interrupção de toda autoridade singular conduz Blanchot a adotar, não somente a forma da conversa, não somente a forma do fragmento, mas também a fazer com que conjuntamente essas formas se desencaminhem, uma pela outra.<sup>32</sup> Se "a palavra do fragmento ignora as contradições"<sup>33</sup> ela atinge muito melhor essa ignorância, na separação ao infinito da interrupção. Ela assinala dessa forma a *alteração da autoridade* através de uma sintaxe totalmente diversa da frase e da enunciação. Uma autoridade inteiramente outra é o que o poeta dá à palavra distante que traduz a experiência. Sabemos que Blanchot, a elege na linguagem de René Char.<sup>34</sup> Na poesia de Char, não somente o neutro dá a sua forma à certas nominalizações – tão importantes e frequentes que elas adquirem como uma força verbal – mas ele é como o regime de um "radical fictício" que se propaga e se dissemina em sua língua. Blanchot descreve essa sintaxe da relação sem relação, de forma tão

---

<sup>31</sup> Maurice Blanchot, "Le rapport du troisième genre", *L'entretien infini*, p.103.

Isso não se dará sem marcar toda uma geração de escritores, de filósofos, a começar pela autoridade conjugada e "inseparável" de Deleuze e Guattari.

<sup>32</sup> Ver especialmente o fim, inédito na aparição do livro, do artigo "Sur un changement d'époque: l'exigence du retour", *L'entretien infini*, p.405/418.

<sup>33</sup> Maurice Blanchot, "Réflexions sur le nihilisme. 3. Nietzsche et l'écriture fragmentaire" [dezembro 1966], *L'entretien infini*, p.231.

<sup>34</sup> Ver "René Char et la pensée du neutre", art.cit., et "Parole de fragment" [1964], *L'entretien infini*, p.451/458. Ver igualmente a atenção destinada à linguagem de Heráclito ("Héraclite" [janeiro 1960], *ibid.*, p.119/131).

precisa quanto ele o faria com a sintaxe que começa a se impor no fim de *Le dernier homme (O último homem)* e neutraliza *L'attente, l'oubli (A espera, o esquecimento)*: porque são realmente as mesmas, de Char a Blanchot: "ilhas de sentido colocadas umas perto das outras", "de uma compacidade extrema e ao mesmo tempo capazes de uma deriva infinita"; esse arranjo que não compõe, mas justapõe, ou seja, deixa *de fora* uns dos outros, os termos que chegam em relação; esse "arranjo no nível do desvario", esse "devir de imobilidade", "O puro desvio em seu estranhamento". São os mesmos ao ponto de compartilhar, à distância, a autoridade das mesmas frases. Enquanto Blanchot diz, que esse "puro desvio", "permitindo ir de decepção em decepção", leva "de coragem em coragem", Char, paralelamente, dá a essa forma uma espécie de neutra autoridade do poeta, em um poema datado do mesmo ano (1964) e consagrado ao seu amigo: "Politicamente, Maurice Blanchot só pode ir de decepção em decepção, ou seja, de coragem em coragem (...)".

Uma autoridade infinita, ultrapassando o nome do autor e sobretudo a contingência do livro, a independência da obra: é sob esse signo que Blanchot situa seus dois últimos grandes livros de crítica, *A amizade* respondendo a impossível abertura deixada pelas zonas de fuga de *Conversa infinita*.<sup>35</sup> A amizade de todos os parceiros basta para servir de regra. Mesmo que ele precise lembrar sempre a si mesmo, esse movimento de negação não se dá sem a beleza, a força e a retração da utopia. Tampouco se dá sem sua fraqueza. Há, nessa maneira de ir ao esgotamento, uma confissão de impotência que abre em Blanchot um período que se poderia chamar de *reconhecimento do biográfico*. A biografia: que a obra crítica e narrativa tenha passado a tratar na sua ausência, engajar-se em um desafio permanente com aquilo que ela guardava de intratável, a conhecer dessa forma os traços que ela trazia à escrita sem jamais voltar a eles sem jamais os reconhecer, foi o que Blanchot tinha conseguido *inconfessar*, até então, de mil maneiras. Se ele reconhece agora esse movimento, como se faria com uma infância, é o

---

<sup>35</sup> Nota das tradutoras: *L'amitié (A amizade)* é o primeiro livro de crítica de Maurice Blanchot publicado dois anos após a *Conversa Infinita*, em 1971. Ainda não há tradução do primeiro em português, o segundo foi parcialmente traduzido e publicado pela editora Escuta, São Paulo, 2001.

faz do fundo de uma extrema fraqueza. Esse reconhecimento só poderia ter-se dado a propósito de Kafka. A paixão infinita que leva Blanchot à Kafka não encontra equivalentes em seus textos críticos; da "última palavra" até a "absolutamente última palavra", *de Kafka à Kafka*, ela não deixará de se introduzir no mais íntimo da obra, com uma indiscrição biográfica cada vez mais marcante: a indiscrição da amizade, a indiscrição pelo esgotado. "Hoje", escreve Blanchot em maio de 1968, "por possuir inúmeros documentos e centenas de páginas de correspondência, estamos mais próximos, mas também quase desviados da colocação das verdadeiras questões, *não tendo* totalmente a força de deixá-los vir a nós em sua inocência, mantendo-os separados do rumor biográfico que, ao nutri-los, os atrai e os faz submergir".<sup>36</sup> O rumor biográfico, ao neutro, atrai para si a obra, com a fascinação anônima da Mãe, do "imenso Alguém sem figura".

Em um derradeiro movimento de indiferença, na última preservação do rigor no seio do esgotamento, a obra tentará preservar sua força de insubordinação e de irreferencialidade ao rumor. Abri-lo à autoridade compartilhada da amizade, entretanto, exige, um vigor demasiado forte para não passar por alguns sinais do dia (*signes du jour*). Nesse sentido, talvez, a narrativa que abre *A conversa infinita*, deva ser lida mais como um indício do que como uma fala, como o rosto do indício assumido por duas falas esgotadas pela exigência de partilha de seus próprios rumores. Publicada de início, em março de 1966, pela NRF, isolada na produção de toda essa década (nenhuma outra publicação nos quatro meses que a precedem, nenhuma outra nos oito meses que se seguem) esse texto já aparece como surgido da fraqueza. Surgido dessa época onde a doença novamente abate seu autor e o obriga à retirada. Esse esboço da impotência, mesmo que possa parecer um tanto exagerado, não deixa de descrever a atenuação das forças, a extensão do cansaço: "As forças da vida só são suficientes até certo ponto (...) A experiência do cansaço nos dá, a todo instante, o sentimento da vida limitada; damos alguns passos na rua, uns oito ou nove passos, depois caímos". E

---

<sup>36</sup> Maurice Blanchot, "Le tout dernier mot" [maio 1968], *L'amitié*, p.301. Grifo do autor deste ensaio.

Blanchot é preciso ao dizer "penso em algo muito simples".<sup>37</sup> A alusão torna-se transparente de tal modo é a fraqueza no fundo, aqui a descoberto, da voz narrativa.

O texto liminar de *Conversa Infinita* é como regido por uma crispação absoluta que mata o ser – talvez um ser que, no seio da fadiga, ainda tinha podido acreditar em uma possibilidade subjetiva, mesmo que sacral, do infatigável.<sup>38</sup> "Somente um ser que tenha atingido a crispação da sua solidão através do sofrimento e da relação com a morte, se coloca sobre um terreno onde a relação com o outro se torna possível"(Lévinas, : p.164). Essa frase de Emmanuel Lévinas mostra bastante bem o movimento de verdade que legitima, nesse limiar narrativo, o passo em direção ao outro que será repetido por cada artigo crítico<sup>39</sup>. Talvez a frase sugira igualmente a realidade. O encontro desses dois seres esgotados, nos quais o esgotamento encontra, entretanto, essa última força que consiste em pô-los em relação, impõe o maior respeito. Eles poderiam ser, Blanchot, Antelme (ou Bataille, ou Levinas), esses dois seres cuja fraqueza desnudou - pensamento cadavérico - o indestrutível, e que o deixam falar. É uma fala arrancada do impossível, portanto, frequentemente interrompida e sempre irremissível, que não comenta senão seu próprio movimento, sua própria possibilidade de ainda fazer avançar seu pensamento. Ela diz, dessa forma, o dom que ela é, a exposição ritmada da qual oferece o dispêndio. Diz o que resta da narrativa, da conversa, da amizade, da qual não permanece senão o fim, portanto, o essencial, mas à beira de uma velhice que vê a sua soberania se distanciando de si. Diz a solidão ainda mais viva, que marca o ser que o retorno esgotou, diz também a convivência apaziguada das solidões distantes (entre elas, a conversa sempre já começou). Ela despossui, deslegitima toda forma de consolo, de complacência, só aponta para o espaço onde o céu brotou, não busca mais as causas nem o tempo e, no momento mesmo em que "não sabe senão devir", termina a tragédia, no esquecimento da qual se exila, afrontada a toda a carga de um silêncio adensado. Situação de um humor funesto (como atingir a verdade da fadiga do

---

<sup>37</sup> Maurice Blanchot, "La voix narrative" [outubro 1964], *L'entretien infini*, p.556. Fraqueza extrema, caminhada frágil, em *Le pas au-delà ("Dando très passos, parando, caindo (...))"*, p.184).

<sup>38</sup> Maurice Blanchot, "Le sentiment qu'il a..." [março 1966], *L'entretien infini*, p.IX/XXVI.

<sup>39</sup> A narrativa contém também uma passagem bastante longa que descreve a situação do autor do livro que segue: "Ele perdeu o poder de se expressar de uma maneira contínua (...). Isso não o deixa nem feliz, nem infeliz (...)" (texto citado, p.XXII/XXIII).

próprio seio da fadiga ?), a não ser dizer, contar, continuar à falar por um terceiro, àquele que os reúne sem estar aí, o condenado, o desertor, o insubmisso. “Eles tomam lugar, separados por uma mesa, não voltados um para o outro, mas abrindo, em volta da mesa que os separa, um intervalo suficientemente largo para que outra pessoa possa se considerar como a verdadeira interlocutora deles, a pessoa para quem falariam, se se dirigissem a ela.”

A comunidade não designa ninguém. Ela é, ela se conjuga no neutro. O Neutro é o fundo, o nome, a alteridade do parceiro invisível, do “parceiro fictício”, que ganha autoridade no lugar da ficção. Sua beleza (nunca se falou da beleza do Neutro?) reside nesse sorriso do parceiro, lembrança de uma rapidez vertiginosa, de uma mobilidade desconhecida, de uma “dança ligeira” (de onde, de agora em diante, o jogo se ausenta), nessa breve lentidão da ficção, como uma *notícia* arrancada à vigilância criativa, mais do que nunca, disposta a escrever, menos que nunca, capaz de fazê-lo. O passado fala pelos dois homens presentes. *“Ele se dirige às prateleiras onde – percebe-se agora – os livros estão arrumados em grande número (...) Ele não toca em nenhum volume, ele fica aí, de costas, e pronuncia em voz baixa, mas distinta: “Como faremos para desaparecer ?”*

O passado fala por eles e por seus nomes. Mas a biografia da obra que conduziram fala pelo movimento de sua desapareição e de seu dom: do apagamento que preside a comunidade, que pouco a pouco, de longe em longe, empurrando o niilismo para o exterior, eles reúnem pelo sentido e pelo cuidado de seu desdobramento.

### **Referências:**

BLANCHOT, Maurice. *Lautréamont et Sade*. Paris: Éditions de Minuit, 1949.

\_\_\_\_\_. “Le bon usage de la science-fiction”, *NNRF*, nº73, janvier 1959, p.92.

\_\_\_\_\_. *L'amitié*. Paris: Gallimard, 1971.

\_\_\_\_\_. *L'Entretien Infini*. Paris: Gallimard, 1969.

LEVINAS, Emmanuel. *Le temps et l'autre*. Paris: Arthaud, 1947.